

as brumas de avalon  
a senhora da magia – livro I  
marion zimmer bradley

Tradução de Maria Dulce Teles de Menezes



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*«... Morgan le Fay não se casou, mas foi mandada para a escola,  
num convento, onde se tornou numa grande senhora da magia.»*

— MALORY, MORTE D'ARTHUR



# AGRADECIMENTOS



Um livro desta complexidade leva o autor a fontes demasiado numerosas para poderem ser exaustivamente mencionadas. Provavelmente devo citar, em primeiro lugar, o meu falecido avô, John Roscoe Conklin, a primeira pessoa a dar-me um velho e usado exemplar da edição de Sidney Lanier de *Tales of King Arthur*, tantas vezes lida que acabei por a decorar antes dos dez anos. A minha imaginação foi também estimulada por fontes variadas como o semanário ilustrado *Tales of Prince Valiant*; e aos quinze anos fazia gazeta à escola, com muito mais frequência do que pensavam, para me esconder na biblioteca do Departamento de Educação em Albany, Nova Iorque, abrindo caminho através de uma edição de dez volumes de *The Golden Bough*, de James Frazer, e de uma coleção de quinze volumes sobre religiões comparadas, incluindo uma obra enorme sobre os Druidas e as religiões célticas.

Nas pesquisas realizadas para este livro, devo agradecer a Geoffrey Ashe, cujas obras me sugeriram várias direções para a continuação das minhas pesquisas, e a Jamie George, da livraria Gothic Image, de Glastonbury, que, além de me mostrar a geografia de Somerset e a localização de Camelot e do reino de Guinevere (de acordo com as intenções deste livro, aceito a teoria de que Camelot era o Castelo Cadbury, em Somerset), me guiou na peregrinação a Glastonbury. Também foi ele quem chamou a minha atenção para as tradições que persistem em redor do Poço do Cálice, em

Glastonbury, e para a antiquíssima crença de que José de Arimateia plantara o Espinho Sagrado em Wearyall Hill; também lá pude encontrar muitos materiais que tratavam da tradição celta segundo a qual Jesus Cristo tinha sido educado na religião da sabedoria no templo que outrora se erguia em Glastonbury Tor.

No que respeita ao material sobre o cristianismo pré-agostiniano, usei, com autorização, um manuscrito de circulação privada intitulado «The Pre-Constantine Mass: A Conjecture», do padre Randall Garrett; servi-me também de materiais das liturgias sírio-caldaicas, incluindo a Orbana Sagrada de São Serapião, assim como materiais litúrgicos de grupos locais de cristãos de S. Tomás e de grupos de católicos pré-nicenos. Os excertos das Escrituras, especialmente a história de Pentecostes e o *Magnificat*, foram-me traduzidos dos Testamentos Gregos por Walter Breen; devo citar ainda *The Western Mystery Tradition*, de Christine Hartley, e *Avalon of the Heart*, de Dion Fortune.

Todas as tentativas para reconstituir a religião pré-cristã das Ilhas Britânicas viram-se transformadas em conjetura devido aos esforços determinados dos seus sucessores no sentido de eliminarem todos os seus traços; os estudiosos diferem tanto que não me desculpo por ter selecionado, entre várias fontes, aquelas que melhor serviam as necessidades da ficção. Li, apesar de as não ter seguido servilmente, as obras de Margaret Murray e vários textos sobre Gardnerian Wicca. Gostaria de exprimir o meu profundo agradecimento aos grupos locais neopagãos pela reconstituição do ambiente das cerimónias; a Alison Harlow e ao Covenant of The Goddess, a Otter e Morning-Glory Zell, a Isaac Bonewits e aos Druidas neorreformados, a Robin Goodfellow e Gaia Wildwoode, a Philip Wayne e Crystal Weel, a Starhawk, cujo livro *The Spiral Dance* me foi extremamente valioso, ajudando-me a deduzir muita coisa sobre a formação de uma sacerdotisa; e por muito apoio pessoal e emocional (incluindo consolo e massagens nas costas) durante a elaboração deste livro, a Diana Paxson, Tracy Blackstone, Elisabeth Waters e Anodea Judith, do Darkmoon Circle.

A terminar quero expressar a minha terna gratidão a meu marido, Walter Breen, que disse, num momento crucial da minha carreira, que era altura de deixar de jogar pelo seguro, escrevendo livros de sucesso fácil, e me proporcionou apoio financeiro para o poder fazer; também a Don Wollheim, que acreditou sempre em mim, e à mulher dele, Elsie. Acima de tudo, e sempre, a Lester e Judy-Lynn del Rey, que me ajudaram

a dominar as categorias da escrita, um assunto sempre difícil, o meu grato afeto e os meus agradecimentos. E por fim, mas de modo nenhum em último lugar, ao meu filho mais velho, David, pela preparação cuidada do manuscrito final.



# PRÓLOGO



Fala Morgaine...

**N**o meu tempo chamaram-me muitas coisas: irmã, amante, sacerdotisa, maga, rainha. Agora, em verdade, acabei por me tornar numa maga, e pode vir um tempo em que estas coisas precisem de ser conhecidas. Mas em perfeita verdade, penso que serão os cristãos a ter a última palavra. O mundo das Fadas está a afastar-se definitivamente do mundo em que Cristo governa. Não tenho nada contra Cristo, apenas contra os seus sacerdotes que chamam à Grande Deusa um demónio e negam que ela alguma vez tenha tido poder neste mundo. Dizem que, no máximo, o poder dela era o de Satanás. Ou então vestem-na com o manto azul da Senhora da Nazaré — que, de facto, à sua maneira, também teve poder — e dizem que foi sempre virgem. Mas o que é que uma virgem pode saber da labuta e dos sofrimentos da Humanidade?

E agora que o mundo mudou e Arthur — meu irmão, meu amante, rei que foi e rei que será — jaz morto (o povo diz que dorme) na Ilha Sagrada de Avalon, deve-se contar a história de como era antes de os padres do Cristo Branco chegarem e cobrirem tudo com os seus santos e lendas.

Pois, como digo, o próprio mundo mudou. Houve um tempo em que um viajante, se quisesse e conhecesse apenas alguns dos segredos, podia mandar a sua barca para o Mar do Verão e chegar não à Glastonbury dos monges, mas à Ilha Sagrada de Avalon: é que nesse tempo os portões entre os mundos fluuavam por entre as brumas e estavam sempre abertos um para o outro, conforme o que o viajante pensasse e quisesse. Porque este é o grande segredo



*que todos os homens educados do nosso tempo conheciam: que por aquilo que os homens pensam se cria o mundo à nossa volta, todos os dias renovado.*

*E agora os padres, pensando que isto usurpa o poder do seu Deus, que criou o mundo de uma vez para sempre e para ser imutável, fecharam os portões (que nunca foram portões exceto no espírito dos homens) e o caminho leva apenas à Ilha dos Padres, que salvaguardaram com o som dos sinos da igreja, apagando todos os pensamentos sobre um outro mundo que fica nas trevas. Na verdade, dizem que esse mundo, se de facto existe, é propriedade de Satanás e a porta de entrada para o Inferno, se não for o próprio Inferno.*

*Não sei o que é que o Deus deles pode ou não ter criado. Apesar das histórias que se contam, nunca soube muito sobre os padres e nunca usei o negro das suas monjas-escravas. Se na corte de Arthur em Camelot houve quem decidisse pensar isso de mim quando para lá fui (visto eu ter usado sempre os trajes escuros da Grande Mãe no seu disfarce de maga), não os desenganei. E, de facto, nos finais do reinado de Arthur teria sido perigoso fazê-lo e eu baixei a cabeça perante a conveniência como nunca teria feito a minha grande mestra: Viviane, Senhora do Lago, outrora a maior amiga de Arthur, fora eu, e depois a sua maior inimiga — mais uma vez, fora eu.*

*Mas a contenda acabou; podia, por fim, saudar Arthur, quando jazia moribundo, não como meu inimigo e inimigo da minha Deusa, mas apenas como meu irmão e como um homem moribundo que necessita da ajuda da Mãe, para quem todos os homens acabam por se voltar. Até mesmo os padres o sabem, com a sua Maria sempre-virgem no seu manto azul; pois também ela se torna na Mãe do Mundo na hora da morte.*

*E assim Arthur jazia finalmente com a cabeça no meu colo, vendo em mim não a irmã, não a amante, não a inimiga, mas apenas a maga, a sacerdotisa, a Senhora do Lago; e assim descansou no seio da Grande Mãe de quem veio quando nasceu e para quem, no fim, como todos os homens, terá de ir. E talvez, enquanto eu dirigia a barca que o levava, desta vez não para a Ilha dos Padres, mas para a verdadeira Ilha Sagrada no mundo das trevas por trás do nosso, essa Ilha de Avalon onde agora poucos, excetuando eu, podem ir, ele se tenha arrependido da inimizade que nascera entre nós.*

*Ao contar esta história, falarei por vezes de coisas que aconteceram quando era demasiado jovem para as compreender ou de coisas que aconteceram quando não estava presente, e talvez o meu ouvinte se retraia e diga: Isto é a magia dela. Mas tive sempre o dom da Visão e de ver dentro do espírito dos*

*homens e das mulheres; e durante todo este tempo estive perto de todos eles. E assim, às vezes, de uma forma ou de outra, sabia tudo o que eles pensavam. E assim contarei esta história.*

*Pois um dia os padres também a contarão como a conhecem. Talvez entre as duas se consiga ver qualquer vislumbre da verdade.*

*Porque isto é uma coisa que os padres não sabem, com o seu Deus Único e a sua Verdade Única: que essa coisa de uma história verdadeira não existe. A verdade tem muitas faces e a verdade é como a velha estrada para Avalon; depende da nossa própria vontade e dos nossos pensamentos, para onde é que a estrada nos leva, e se, no fim, chegamos à Ilha Sagrada da Eternidade ou ao meio dos padres com os seus sinos e a sua morte e o seu Satanás e o seu Inferno e a sua condenação... mas talvez esteja a ser injusta para eles. Até mesmo a Senhora do Lago, que odiava as vestes de um padre como teria odiado uma víbora venenosa, e com razão aliás, me repreendeu uma vez por dizer mal do Deus deles.*

*«Pois todos os Deuses são um Deus», disse-me nessa altura, como me dissera muitas vezes antes, e como eu disse muitas vezes às minhas noviças e como todas as sacerdotisas depois de mim dirão de novo, «e todas as Deusas são uma Deusa, e há um só Iniciador. E para cada homem a sua verdade e Deus nela».*

*E assim, talvez a verdade gire algures entre a estrada para Glastonbury, Ilha dos Padres, e a estrada para Avalon, perdida para sempre nas brumas do Mar do Verão.*

*Mas esta é a minha verdade. Eu que sou Morgaine, conto-vos estas coisas, Morgaine a quem mais tarde chamaram Morgan le Fay.*





A SENHORA  
DA MAGIA







**M**esmo em pleno verão, Tintagel era um lugar assombrado. No promontório, Igraine, esposa do duque Gorlois, olhava para o mar. Enquanto olhava para os nevoeiros e brumas, interrogava-se como é que poderia alguma vez saber quando é que o dia e a noite tinham a mesma duração, para poder celebrar a Festa do Ano Novo. Naquele ano, as tempestades da primavera tinham sido invulgarmente violentas. O bramido do mar tinha ressoado pelo castelo dia e noite de tal forma que nem homens nem mulheres conseguiam dormir e os cães uivavam aflitivamente.

Tintagel... ainda havia quem acreditasse que o castelo tinha sido erguido nas rochas escarpadas, na parte mais afastada do longo caminho para o mar, pela magia do povo antigo de Ys. O duque Gorlois ria-se disto e dizia que, se tivesse alguma dessa magia, tê-la-ia usado para impedir que o mar avançasse, ano após ano, sobre a costa. Nos quatro anos decorridos desde que ali chegara como noiva de Gorlois, Igraine tinha visto terra, boa terra, desmoronar-se para o mar da Cornualha. Longos braços de rochas negras, aguçadas e escarpadas, estendiam-se pelo oceano dentro a partir da costa. Quando o Sol brilhava, podia ser belo e luminoso, o céu e a água tão brilhantes como as joias que Gorlois amontoara em cima dela no dia em que lhe dissera que esperava o primeiro filho. Mas Igraine nunca gostara de as usar. A joia que lhe pendia agora ao pescoço tinha-lhe sido dada em Avalon: uma pedra-da-lua que

às vezes refletia o brilho azul do céu e do mar; mas, hoje, no nevoeiro, até a joia parecia baça.

No nevoeiro, os sons propagam-se a grandes distâncias. Pareceu a Igraine que, enquanto estava ali de pé no promontório a olhar para o continente, conseguia ouvir os cascos de cavalos e mulas e o som de vozes — vozes humanas aqui no Tintagel isolado, onde só viviam cabras e carneiros, os pastores e os seus cães e as senhoras do castelo com algumas mulheres para as servir e alguns homens velhos para as guardar.

Lentamente, Igraine voltou-se e regressou ao castelo. Como sempre, de pé na sua sombra, sentiu-se transformada numa anã perante a imponência destas pedras antigas da extremidade do longo promontório que se estendia pelo mar dentro. Os pastores acreditavam que o castelo tinha sido construído pelos Antigos a partir das terras perdidas de Lyonesse e Ys; num dia claro, segundo diziam os pescadores, podia ver-se os seus velhos castelos lá ao longe, sob a água. Mas, para Igraine, eles pareciam torres de rocha, montanhas e colinas antigas, afogadas pelo mar eternamente invasor que mordiscava, ainda agora, os penhascos sob o castelo. Aqui, no fim do mundo, onde o mar comia interminavelmente a terra, era fácil acreditar em terras submersas a ocidente; havia histórias de uma grande montanha de fogo que explodira, lá mais para o sul, e engolira uma grande terra. Igraine nunca conseguiu saber se acreditava ou não nessas histórias.

Sim, certamente que ouvia vozes no nevoeiro. Não podiam ser assaltantes selvagens vindos do outro lado do mar ou das costas selvagens de Erin. Já passara há muito a época em que precisava de se sobressaltar com um som ou uma sombra desconhecidos. Não era o marido, o duque; ele estava muito longe, no Norte, combatendo os Saxões ao lado de Ambrosius Aurelianus, o Supremo Rei da Bretanha; teria mandado recado se tencionasse regressar.

E ela não precisava de ter medo. Se os assaltantes fossem hostis, os guardas e os soldados do forte da extremidade interior do promontório, ali estacionados pelo duque para protegerem a mulher e a criança, tê-los-iam detido. Seria preciso um exército para passar por eles. E quem é que mandaria um exército contra Tintagel?

Houve uma época — recordou Igraine sem amargura quando se dirigia lentamente para o pátio do castelo — em que teria sabido quem cavalgava em direção ao seu castelo. Agora, a recordação só lhe trazia uma pequena tristeza. Desde o nascimento de Morgaine que deixara de chorar pelo seu lar. E Gorlois era bondoso para ela. Tinha-a tranquilizado durante

o seu medo e o seu ódio iniciais, dera-lhe joias e coisas bonitas, troféus de guerra, rodeara-a de mulheres para a servirem e tratara-a sempre como igual, exceto nos conselhos de guerra. Não poderia ter pedido mais, a não ser que tivesse casado com um homem das Tribos. E quanto a isso, não tivera possibilidade de escolha. Uma filha da Ilha Sagrada tem de fazer o que é melhor para o seu povo, quer isso signifique caminhar para a morte em sacrifício, entregar a sua virgindade no Casamento Sagrado, ou casar quando se julgasse ser necessário para cimentar alianças. Era o que Igraine fizera casando com um duque romanizado da Cornualha, um cidadão que vivia, apesar de Roma se ter retirado da Bretanha, à maneira romana.

Fez escorregar o manto; dentro do pátio ao abrigo do vento cortante, estava mais quente. E ali, quando o nevoeiro rodopiou e clareou, apareceu-lhe à frente, por um momento, uma figura materializada do nevoeiro e da névoa: a sua meia-irmã. Viviane, a Senhora do Lago, a Senhora da Ilha Sagrada.

— Irmã! — As palavras vacilaram, e Igraine sabia que não as tinha dito em voz alta, apenas as murmurara, as mãos voando-lhe para o peito. — Estarei mesmo a ver-te aqui?

O rosto tinha uma expressão de censura e as palavras pareciam desaparecer no som do vento, para lá das muralhas.

— *Abandonaste a Visão, Igraine? De livre vontade?*

Ofendida pela injustiça daquilo, Igraine retorquiu:

— Foste tu que decretaste que eu tinha de casar com Gorlois...

Mas a forma da irmã desaparecera nas sombras, não estava ali, nunca estivera. Igraine pestanejou; a breve aparição desaparecera. Apertou o manto contra o corpo, porque estava com frio, gelada. Sabia que a visão tinha ido buscar a sua força ao calor e à vida do seu corpo. Pensou: *Não sabia que ainda conseguia ver desta maneira, tinha a certeza de que não podia...* E depois estremeceu, sabendo que o padre Columba consideraria aquilo obra do Diabo, e ela devia confessar-se a ele. É certo que ali, no fim do mundo, os padres eram tolerantes, mas uma visão não confessada seria de certeza tratada como uma heresia.

Franziu as sobrancelhas; porque é que deveria tratar uma visita da própria irmã como a obra do Diabo? O padre Columba podia dizer o que quisesse; talvez o Deus dele fosse mais sábio do que ele. O que, pensou Igraine reprimindo uma risadinha, não seria muito difícil. Se calhar o padre Columba tinha-se tornado num padre de Cristo porque nenhum colégio de Druidas aceitaria entre as suas fileiras um homem



tão estúpido. O Deus Cristo parecia não se importar que um padre fosse ou não estúpido, desde que conseguisse engrolar a missa e ler e escrever um pouco. Até ela, Igraine, tinha mais habilitações clericais que o padre Columba e falava melhor latim quando queria. Igraine não se considerava muito instruída; não tinha coragem para estudar a sabedoria mais profunda da Religião Antiga, ou para aprofundar os Mistérios mais do que era absolutamente necessário a uma filha da Ilha Sagrada. No entanto, apesar de ser uma ignorante em qualquer Templo dos Mistérios, podia passar, entre os bárbaros romanizados, por uma senhora instruída.

No pequeno quarto junto ao pátio, onde havia sol nos dias bons, Morgause, a sua irmã mais nova, com treze anos e a desabrochar, usando um vestido solto de estamemha e um manto velho e desmazelado pelos ombros, fiava apaticamente com uma roca, enrolando o fio desigual num fuso. No chão, junto da lareira, Morgaine fazia rolar um velho fuso como se fosse uma bola, observando os desenhos caprichosos do cilindro assimétrico, empurrando-o para um lado e para o outro com os dedos gorduchos.

— Ainda não fei o suficiente? — queixou-se Morgause. — Doem-me os dedos! Porque é que tenho de fiar, fiar, fiar sempre, como se fosse uma aia?

— Todas as damas devem aprender a fiar — retorquiu Igraine, como sabia que era sua obrigação. — E o teu fio é uma desgraça, ora grosso, ora fino... Os teus dedos perderão o cansaço quando os habituares ao trabalho. Dedos doridos são sinal de que tens sido preguiçosa, visto ainda não terem endurecido com as tarefas.

Tirou o fuso e a roca a Morgause e girou-os com facilidade descuidada; o fio por fiar, sob os seus dedos experientes, suavizou-se num fio de espessura perfeitamente igual.

— Olha, pode-se fiar este fio sem enrodilhar a lançadeira — e de repente cansou-se de se comportar como devia. — Mas agora podes largar a roca; antes do meio da tarde, teremos hóspedes.

Morgause olhou-a, espantada.

— Não ouvi nada — disse ela —, nem veio qualquer mensageiro.

— Isso não me surpreende — disse Igraine —, pois não houve nenhum cavaleiro. Foi uma Visão. Viviane vem a caminho e Merlim vem com ela. — Não sabia esta última parte até a ter dito. — Por isso podes levar Morgaine à ama e subir ao teu quarto para pões o teu vestido dos dias santos, o tingido com açafraão.

Morgause largou a roca com alegria, mas parou a olhar para Igraine.

— O meu vestido cor de açafão? Para a minha *irmã*?

Igraine corrigiu-a secamente.

— Não é para a nossa irmã, Morgause, mas para a Senhora da Ilha Sagrada e para o Mensageiro dos Deuses.

Morgause baixou os olhos para o chão decorado. Era uma rapariga alta e robusta, que estava a começar a crescer e a tornar-se numa mulher; o cabelo espesso era ruivo como o de Igraine e a pele era sardenta, por mais que a encharcasse com soro de leite coalhado e implorasse à mulher das ervas banhos e plantas medicinais para a tratar. Aos treze anos, já era tão alta como Igraine e um dia seria ainda mais alta. Pegou em Morgaine com uma graça desajeitada e levou-a. Igraine gritou-lhe:

— Diz à ama para vestir à menina uma roupa de dia santo e depois podes trazê-la para baixo. Viviane nunca a viu.

Morgause disse qualquer coisa em tom resmungão sobre não perceber porque é que uma Grã-Sacerdotisa havia de querer ver uma fedelha, mas disse-o baixo, de modo que Igraine preferiu ignorá-la.

O quarto dela, ao cimo das escadas estreitas, estava frio. Lá não se acendiam lareiras, exceto no auge do inverno. Enquanto Gorlois estava fora, ela partilhava a cama com a sua aia Gwennis, e a prolongada ausência dele dava-lhe uma desculpa para à noite ter Morgaine na cama. Às vezes Morgause também lá dormia, partilhando as cobertas de pele contra o frio intenso. A grande cama de casal, com um dossel e cortinados para proteger das correntes de ar, tinha tamanho mais do que suficiente para três mulheres e uma criança.

Gwen, que era velha, dormitava a um canto e Igraine absteve-se de acordar, despindo o vestido de trabalho de estamena e apressando-se a enfiar o lindo vestido enfeitado no pescoço com uma fita de seda que Gorlois lhe trouxera de uma feira em Londinium. Enfiou nos dedos uns pequenos anéis de prata que possuía desde criança... agora só lhe serviam nos dois dedos mais pequenos... e pôs à volta do pescoço um colar de âmbar que Gorlois lhe tinha oferecido. O vestido era cor de ferrugem e tinha uma sobretúnica verde. Descobriu o pente de chifre e começou a passá-lo pelos cabelos, sentada num banco, desembaraçando-os pacientemente. Ouviu uma grande gritaria noutra quarto e calculou que Morgaine estava a ser penteada pela ama e não estava a gostar. A gritaria parou de repente e ela deduziu que Morgaine tinha apanhado uma bofetada para se calar, ou que, como por vezes acontecia quando Morgause estava de bom humor, esta se

tivesse disposto a penteá-la com os seus dedos habilidosos e pacientes. Era por isso que Igraine sabia que a irmã mais nova conseguia fiar bem quando lhe apetecia, pois as mãos dela eram tão hábeis em tudo o resto — a pentear, a cardar ou a fazer empadas de Yule.

Igraine entrançou o cabelo, prendeu-o no alto da cabeça com uma travessa de ouro e colocou o broche, também de ouro, na dobra do manto. Olhou-se no velho espelho de bronze que a irmã Viviane lhe oferecera pelo casamento e que viera, segundo se dizia, de Roma. Quando apertou o vestido soube que os seios estavam outra vez como antigamente: Morgaine tinha sido desmamada há um ano e eles estavam apenas um pouco mais moles e mais pesados. Sabia que tinha voltado à antiga elegância porque se tinha casado com aquele vestido e os laços não estavam nem um pouco mais apertados.

Quando regressasse, Gorlois havia de a querer levar outra vez para a cama. Da última vez que a vira, Morgaine ainda mamava e ele tinha accedido à súplica dela para a deixar continuar a amamentar a criança durante o verão, altura em que tantas crianças morriam. Sabia que ele estava descontente porque a criança não tinha sido o filho por que ansiava — estes romanos estabeleciam a sua linhagem pela linha masculina, em vez de, sensatamente, o fazerem pela da mãe. Era uma tolice, pois como é que um homem podia alguma vez saber com certeza absoluta quem gerara o filho de uma mulher? Claro que estes romanos faziam uma grande questão em se preocuparem em saber com quem é que as mulheres se deitavam e fechavam-nas à chave e espiavam-nas. Não que Igraine precisasse de ser vigiada; um homem já era suficientemente mau, quem é que iria querer outros que podiam ser piores?

Mas mesmo estando ansioso por um filho, Gorlois tinha sido indulgente, deixando-a ter Morgaine na cama e continuar a amamentá-la, chegando mesmo a manter-se afastado e passando as noites com a camareira, Ettarr, para que Igraine não ficasse outra vez à espera de uma criança e deixasse de ter leite. Ele também sabia quantas crianças morriam quando eram desmamadas antes de conseguirem mastigar carne e pão duro. As crianças alimentadas a papas de aveia feitas com água ficavam enfermiças e muitas vezes no verão não havia leite de cabra, mesmo que elas o bebessem. Era frequente as crianças alimentadas a leite de vaca ou de égua terem vômitos e morrerem, ou sofrerem de soltura intestinal e morrerem. Por isso deixou que Morgaine continuasse a mamar, adiando assim pelo menos por mais um ano e meio o filho que queria. Só por isso, estar-lhe-ia sempre grata e

não reclamaria por muito depressa que ele a tornasse a engravidar desta vez.

Ettarr tinha ficado de barriga daquela visita e andara por ali a envaidecer-se, seria *ela* quem iria ter um filho do duque da Cornualha? Igraine ignorara a rapariga; Gorlois tinha outros filhos bastardos, um dos quais estava agora com ele no acampamento do duque de guerra, Uther. Mas Ettarr adoecera e abortara, e Igraine tinha intuição suficiente para não perguntar a Gwen porque é que ela parecia tão satisfeita com o acontecimento. A velha Gwen sabia demasiado de ervas, para completo descanso de Igraine. *Um dia, resolveu ela, vou fazer com que ela me diga exatamente o que pôs na cerveja de Ettarr.*

Desceu à cozinha, as saias compridas a arrastar pelos degraus de pedra. Morgause já lá estava com o seu vestido mais bonito e vestira a Morgaine um vestido de dia santo, cor de açafrão, de modo que a criança parecia escura como um picto. Igraine pegou-lhe, segurando-a com prazer. Pequena, morena, de estrutura delicada, com uns ossos tão pequenos que parecia que se estava a pegar num passarinho fofo. A quem teria ido esta criança buscar a sua aparência? Ela e Morgause eram altas e ruivas, com a cor da terra como todas as mulheres das Tribos, e Gorlois, apesar de moreno, era romano, alto, esguio e aquilino; endurecido pelos anos de batalha contra os Saxões, demasiado cheio da sua dignidade romana para demonstrar muita ternura por uma jovem esposa, e com nada a não ser indiferença para com a filha que nascera em lugar do filho que ela lhe devia ter dado.

Mas, recordou Igraine, estes romanos consideravam que tinham, por direito divino, poder de vida ou de morte sobre os filhos. Havia muitos, cristãos ou não, que teriam exigido que a filha não tivesse sido criada para que as mulheres ficassem logo livres para lhes darem o filho. Gorlois tinha sido bom para ela, tinha-a deixado ficar com a filha. Embora ela não desse muito crédito à imaginação dele, talvez ele soubesse o que ela, uma mulher das Tribos, sentia em relação a uma filha.

Enquanto dava as ordens para a receção dos hóspedes, para que trouxessem vinho da adega e preparassem um assado de carne — não de coelho, mas de bom carneiro da última matança —, ouviu no pátio o cacarejar e o esvoaçar das galinhas assustadas e ficou a saber que os cavaleiros tinham atravessado todo o promontório. Os criados pareciam assustados, mas a maioria deles já se resignara à ideia de que a senhora tinha a Visão. Ela tinha fingido que a tinha, com algumas suposições inteligentes e alguns truques; era bom que continuassem a ter medo dela. E agora pensava:

*Talvez Viviane tenha razão, talvez ainda a tenha. Talvez eu só julgasse que tinha desaparecido — porque naqueles meses antes de Morgaine nascer me sentia tão fraca e impotente. Agora voltei a ser o que era. A minha mãe foi uma Grã-Sacerdotisa até ao dia em que morreu, apesar de ter dado à luz vários filhos.*

Mas, respondeu-lhe o seu espírito, a mãe tivera todos esses filhos em liberdade, como uma mulher das Tribos devia fazer, de pais que ela escolhera, não como escrava de um romano qualquer cujos costumes lhe davam direitos sobre as mulheres e as crianças. Afastou aqueles pensamentos com impaciência; tinha alguma importância que ela tivesse a Visão ou que apenas parecesse tê-la, se isso mantinha os criados na devida ordem?

Dirigiu-se lentamente para o pátio, a que Gorlois ainda gostava de chamar átrio, apesar de não se parecer nada com a *villa* onde tinha vivido até Ambrosius o fazer duque da Cornualha. Encontrou os cavaleiros já a desmontar e os olhos dirigiram-se imediatamente para a única mulher entre eles, uma mulher mais pequena do que ela e que já não era jovem, com uma túnica masculina e calções de lã, embrulhada em mantos e xailes. Os seus olhos encontraram-se numa saudação muda, mas Igraine avançou respeitosa e curvou-se perante o velho alto e magro que estava a desmontar de uma mula esquelética. Usava as roupas azuis de bardo e trazia uma arma pendurada ao ombro.

— Dou-lhe as boas-vindas a Tintagel, Senhor Mensageiro; a sua presença é uma bênção e uma honra para o nosso teto.

— Agradeço-te, Igraine — disse a voz ressonante, e Taliesin, Merlim da Bretanha, Druida, Bardo, juntou as mãos à frente da cara e depois estendeu-as para Igraine numa bênção.

Tendo cumprido o seu dever naquele momento, Igraine correu para a meia-irmã e ter-se-ia também inclinado para a bênção, mas Viviane inclinou-se e impediu-a de o fazer.

— Não, não, criança, isto é uma visita familiar, tens tempo suficiente para me prestares honras se assim quiseres... — Puxou Igraine para si e beijou-a na boca.

— É esta a criança? É fácil ver que tem o sangue dos Antigos. Parece-se com a nossa mãe, Igraine.

Viviane, Senhora do Lago e da Ilha Sagrada, tinha na altura trinta e muitos anos; a filha mais velha da antiga sacerdotisa do Lago, tinha sucedido à mãe no cargo sagrado. Tomou Morgaine nos braços, acariciando-a com as mãos experientes de uma mulher habituada a bebés.

— Parece-se *contigo* — disse Igraine, surpreendida, e depois percebeu que já o devia ter percebido antes. Mas já não via Viviane há quatro anos, desde o dia do casamento. Desde então tinha acontecido tanta coisa, tinha mudado tanto desde que, garota de quinze anos, tinha sido entregue às mãos de um homem com mais do que o dobro da idade dela. — Mas entrem para o salão, Senhor Merlim, irmã. Venham para o calor.

Liberta dos mantos e dos xailes que a envolviam, Viviane, Senhora de Avalon, era uma mulher surpreendentemente pequena, pouco maior do que uma menina bem desenvolvida de oito ou dez anos. Com a túnica larga, apertada com um cinto, uma faca embainhada à cintura, e os pesados calções de lã, parecia uma criança vestida com roupas de adulto. O rosto era pequeno, moreno e triangular, a testa baixa sob um cabelo tão escuro como as sombras por baixo dos rochedos. Os olhos também eram escuros e enormes na cara pequena. Igraine nunca tinha percebido como ela era pequena.

Uma criada trouxe a taça dos hóspedes: vinho quente, misturado com o que restava das especiarias que Gorlois lhe tinha mandado dos mercados de Londinium. Viviane pegou-lhe com as duas mãos e Igraine pestanejou ao olhar para ela; com o gesto com que pegara na taça, ficara subitamente alta e imponente; podia estar a segurar no cálice sagrado das Insígnias Sagradas. Ajeitando-a nas mãos, levou-a lentamente aos lábios, murmurando uma bênção. Provou, virou-se e colocou-a nas mãos de Merlim. Ele pegou-lhe com uma grande reverência e levou-a aos lábios. Igraine, que mal conhecia os Mistérios, sentiu que também fazia parte desta bela solenidade ritual quando, por seu turno, recebeu a taça dos hóspedes, a provou, e disse as palavras formais de boas-vindas.

Depois pôs a taça de lado e a sensação que tivera desapareceu; Viviane era apenas uma mulher pequenina com ar cansado, e Merlim nada mais que um velho encurvado. Igraine levou-os rapidamente para junto da lareira.

— É uma viagem muito longa das margens do Mar do Verão até aqui, nos tempos que correm — disse ela, lembrando-se de quando a tinha feito, recém-casada, assustada e odiando em silêncio, na comitiva do marido desconhecido que, naquela altura, ainda era apenas uma voz e um terror na noite. — O que é que te traz aqui no meio das tempestades da primavera, minha irmã e minha senhora?

*E porque é que não pudeste vir antes, porque é que me deixaste completamente só, a aprender a ser uma esposa, a ter uma criança sozinha, aterrorizada e doente de saudades? E uma vez que não pudeste vir antes, porque é*

*que vieste agora, quando é demasiado tarde e estou finalmente resignada à submissão?*

— A distância é, de facto, longa — disse Viviane suavemente, e Igraine soube que a sacerdotisa tinha ouvido, como sempre ouvia, as palavras que não tinham sido ditas assim como as que Igraine dissera. — E estes tempos são perigosos, criança. Mas nestes anos tornaste-te numa mulher, mesmo que tenham sido anos de solidão, de uma solidão tão grande como a dos anos que levam a fazer um bardo, ou — acrescentou com um leve sorriso de reminiscência — fazer uma sacerdotisa. Se tivesses escolhido esse caminho, tê-lo-ias achado igualmente solitário, minha Igraine. Sim, claro — disse ela, inclinando-se, a cara suavizada —, podes vir para o meu colo, pequenina.

Pegou em Morgaine e Igraine observou, espantada; Morgaine era normalmente tão tímida como um coelho selvagem. Meio ressentida e meio caída outra vez no velho encantamento, viu a criança instalar-se no colo de Viviane. Viviane quase parecia demasiado pequena para lhe pegar com segurança. Era de facto uma fada, uma mulher dos Antigos. E, na verdade, talvez Morgaine se viesse a parecer muito com ela.

— E Morgause, como é que ela tem passado desde que ta mandei há um ano?

Viviane olhou para Morgause, que, no seu vestido cor de açafreão, se ocultava, amuada, nas sombras do fogo.

— Anda dar-me um beijo, irmãzinha. Ah, vais ser alta como Igraine — disse, levantando os braços para abraçar a rapariga, que saiu, amuada, das sombras como um cachorrinho meio treinado. — Sim, senta-te junto dos meus joelhos se quiseres, criança.

Morgause sentou-se no chão, reclinando a cabeça no colo de Viviane, e Igraine viu que os olhos amuados estavam cheios de lágrimas.

*Ela tem-nos a todas na mão. Como é que ela consegue ter um tal poder sobre todas nós? Ou será por ser a única Mãe que Morgause conheceu? Era uma mulher quando Morgause nasceu, foi sempre uma mãe, assim como uma irmã, para nós as duas.*

A mãe delas, que na verdade estava demasiado velha para ter filhos, morrera ao dar à luz Morgause. Viviane tinha tido uma criança mais cedo nesse ano. A criança morrera e Viviane tinha tomado conta de Morgause.

Morgaine tinha-se instalado muito aconchegada no colo de Viviane; Morgause apoiava a cabeça sedosa e ruiva nos joelhos de Viviane. A sacerdotisa segurava a pequenina com um braço enquanto acariciava com a mão livre o cabelo comprido e sedoso da mais velha.

— Teria vindo contigo quando Morgaine nasceu — disse Viviane —, mas também estava grávida. Tive um filho nesse ano. Entreguei-o a uma ama para o criar e penso que a sua mãe adotiva é capaz de o mandar para os monges. É cristã.

— Não te importas que seja criado como um cristão? — perguntou Morgause. — É bonito? Como é que se chama?

Viviane riu-se.

— Dei-lhe o nome de Balan — disse ela — e a mãe adotiva chamou ao dela Balira. Têm uma diferença de dez dias, por isso serão certamente criados como gémeos. E não, não me importo que seja criado como cristão; o pai era-o e Priscilla é uma boa mulher. Disseste que a viagem para aqui é longa; acredita, criança, é mais longa do que era quando te casaste com Gorlois. Talvez não seja mais longa do que a da Ilha dos Padres, onde cresce o Espinho Sagrado deles, mas muito mais distante, muito mais, de Avalon...

— E é por isso que estamos aqui — disse de repente Merlim, e a voz dele parecia o badalar de um enorme sino, de tal modo que Morgaine se sentou repentinamente e começou a choramingar de medo.

— Não percebo — disse Igraine, sentindo-se de repente pouco à vontade. — Sem dúvida os dois estão muito próximos...

— Os dois são *um* — disse Merlim, sentando-se muito direito —, mas os seguidores de Cristo escolheram dizer, não que *eles* não terão outros Deuses ante o seu Deus, mas que *não há* outro Deus exceto o deles; que ele sozinho é que fez o mundo, que o governa sozinho, que fez as estrelas e toda a criação.

Igraine fez rapidamente o sinal sagrado contra a blasfémia.

— Mas isso não pode ser — insistiu ela. — Nenhum Deus único pode governar todas as coisas... e a Deusa? E a Mãe...?

— Eles acreditam — disse Viviane na sua voz aveludada e baixa — que não há nenhuma Deusa; pois o princípio da mulher, dizem eles, é o princípio do mal. O mal entrou neste mundo, segundo o que eles dizem, através da mulher. Existe um fantástico conto judeu sobre uma maçã e uma serpente.

— A Deusa os punirá — disse Igraine, abalada. — E no entanto casaste-me com um deles?

— Não sabíamos que a blasfémia deles era tão abrangente — disse Merlim —, pois tem havido seguidores de outros Deuses no nosso tempo. Mas respeitavam os Deuses dos outros.



— Mas o que é que isso tem que ver com a extensão da estrada de Avalon? — perguntou Igraine.

— Chegamos assim à razão da nossa visita — disse Merlim —, pois, como os Druidas sabem, é a crença da Humanidade que modela o mundo e toda a realidade. Há muito tempo, quando os seguidores de Cristo vieram para a nossa ilha, soube que isso era uma poderosa rotação no tempo, um momento para transformar o mundo.

Morgause levantou os olhos assombrados para o velho.

— É assim tão velho, Venerável?

Merlim sorriu para a rapariga e disse:

— Não no meu próprio corpo. Mas li muito na grande sala que não fica neste mundo, lá onde está escrita a História de Todas as Coisas. E nessa altura eu *vivia*. Aqueles que são os Senhores deste mundo permitiram que eu voltasse, mas num outro corpo.

— Estes assuntos são demasiado complicados para a pequena, Pai Venerável — disse Viviane, censurando-o gentilmente. — Não é uma sacerdotisa. O que Merlim quer dizer, querida irmã, é que ele estava vivo quando os primeiros cristãos vieram para cá e que quis, e foi autorizado, a reencarnar imediatamente para continuar a sua obra. Isto são Mistérios que não precisas de tentar compreender. Continue, Pai.

— Sabia que era um daqueles momentos em que a história da Humanidade é transformada — disse Merlim. — Os cristãos procuram apagar toda a sabedoria que não seja a deles. E, nessa luta, estão a banir deste mundo todas as formas de mistério, exceto as que se adaptam à sua fé religiosa. Declararam que era uma heresia que os homens vivam mais do que uma vida (o que qualquer camponês sabe ser verdade).

— Mas se os homens não acreditarem em mais do que uma vida — protestou Igraine, abalada —, como é que eles evitarão o desespero? Que Deus justo criaria uns homens infelizes e outros prósperos e felizes, se eles só pudessem ter uma única vida?

— Não sei — disse Merlim. — Talvez queiram que os homens se desesperem perante a dureza do destino, para que se possam ajoelhar perante o Cristo que os levará para o céu. Não sei em que é que os seguidores de Cristo acreditam ou o que é que esperam.

Fechou os olhos por uns momentos, os traços do rosto mais amargurados.

— Mas seja lá o que for em que acreditem, as suas convicções estão a alterar este mundo; não só no plano espiritual, mas também no material.

Ao negarem o mundo do espírito e o reino de Avalon, esses reinos deixam de existir para eles. Continuam a existir, claro; mas não no mesmo mundo dos seguidores de Cristo. Avalon, a Ilha Sagrada, já não é agora a mesma ilha de Glastonbury onde outrora, nós, os da Fé Antiga, deixámos os monges construírem a sua capela e o seu mosteiro. Pois a nossa sabedoria e a sabedoria deles... Mas o que é que tu sabes da filosofia natural, Igraine?

— Muito pouco — disse a jovem, abalada, olhando para a sacerdotisa e para o grande Druida. — Nunca me ensinaram.

— É uma pena — disse Merlim —, porque tens de perceber, Igraine. Vou tentar tornar isto simples. Olha — e tirou o colar de ouro que tinha ao pescoço e puxou da adaga. — Posso pôr este bronze e este ouro ao mesmo tempo no mesmo sítio?

Ela pestanejou e olhou, sem perceber.

— Não, claro que não. Podem estar ao lado um do outro, mas não no mesmo sítio, a não ser que tire um deles primeiro.

— E acontece o mesmo com a Ilha Sagrada — disse Merlim. — Os padres fizeram-nos um juramento, há quatrocentos anos, mesmo antes de os romanos cá terem vindo e tentado a conquista, de que nunca se levantariam contra nós e nos expulsariam pelas armas; pois nós estávamos aqui antes deles e, nessa altura, eles eram os suplicantes e os fracos. E têm honrado o juramento, sou obrigado a reconhecer-lhes isso. Mas em espírito, nas orações deles, nunca cessaram de lutar contra nós, para que o seu Deus expulsasse os nossos Deuses, para que a sua sabedoria dominasse a nossa sabedoria. No nosso mundo, Igraine, há espaço suficiente para muitos Deuses e muitas Deusas. Mas no universo dos cristãos... como é que hei de dizer isto? ... não há espaço para a nossa visão e para a nossa sabedoria. No mundo deles há um só Deus; não só têm de conquistar os outros Deuses, como têm de fazer como se não houvesse outros Deuses, como se nunca tivesse havido outros Deuses, apenas falsos ídolos, obra do seu Diabo. Para que, acreditando nele, todos os homens possam ser salvos nesta única vida. Isto é aquilo em que eles acreditam. E conforme o que os homens acreditarem, assim será o mundo. E assim os mundos que outrora foram um estão a afastar-se.

Agora há duas Bretanhas, Igraine: o mundo deles sob o seu Deus Único e o seu Cristo e, ao lado dele e por trás dele, o mundo onde a Grande Mãe ainda governa, o mundo onde os Antigos escolheram viver e adorar os seus deuses. Isto já aconteceu antes. Houve a época em que o povo das fadas, os Brilhantes, se afastou do nosso mundo, penetrando cada vez mais no

interior das brumas, de tal forma que agora só um viajante ocasional pode passar uma noite entre os esconderijos dos duendes, e se o fizer, o tempo passa sem ele, e pode sair passada uma noite e descobrir que os parentes estão todos mortos e se passaram doze anos. E agora, digo-te eu, Igraine, isso está outra vez a acontecer. O nosso mundo, governado pela Deusa e por O-Dos-Chifres, seu consorte, o mundo que conheces, o mundo de muitas verdades, está a ser expulso do percurso principal do tempo. Mesmo agora, Igraine, se um viajante partir sem um guia para a Ilha de Avalon, a não ser que conheça muito bem o caminho, não conseguirá lá chegar e encontrará apenas a Ilha dos Padres. Para a maioria dos homens, o nosso mundo, presentemente, está perdido nas brumas do Mar do Verão. Isto já estava a acontecer mesmo antes de os romanos nos terem deixado; agora, à medida que as igrejas cobrem toda a Bretanha, o nosso mundo vai-se afastando cada vez mais. É por isso que levámos tanto tempo a cá chegar; cada vez restam menos cidades e menos estradas dos Antigos para nos guiarem. Os mundos ainda se tocam, ainda estão deitados em cima um do outro, perto como amantes, mas estão a afastar-se e se não os pararmos, um dia haverá dois mundos, e ninguém poderá passar de um para o outro...

— Que se separem! — interrompeu Viviane, zangada. — Continuo a pensar que os devíamos deixar separar. Não quero viver num mundo de cristãos que negam a Mãe...

— Mas os outros todos, aqueles que viverão no desespero? — a voz de Merlim parecia outra vez um grande sino aveludado. — Não, deve continuar a existir uma passagem, mesmo que seja secreta. Há partes do mundo que ainda são uma. Os Saxões andam pelos dois mundos, mas cresce cada vez mais o número dos nossos guerreiros que são seguidores de Cristo. Os Saxões...

— Os Saxões são bárbaros e cruéis — disse Viviane. — As Tribos sozinhas não os podem expulsar destas costas, e eu e Merlim vimos que Ambrosius não será deste mundo por muito tempo, e que o seu duque de guerra, o Pendragon, é Uther o nome que lhe dão?, lhe sucederá. Seja o que for que aconteça ao nosso mundo, em espírito, nenhum dos nossos mundos pode sobreviver por muito tempo ao fogo e à espada dos Saxões. Antes de podermos travar a batalha espiritual que impedirá os mundos de se afastarem, temos de salvar o próprio coração da Bretanha de ser destruído pelas fogueiras dos Saxões. Não são só os Saxões que nos assaltam, também os jutos e os escotos, todos os povos selvagens que vêm do Norte. Todos os lugares, até mesmo Roma, estão a ser subjugados; são tão numerosos. O teu

marido tem passado a vida a combater. Ambrosius, duque da Bretanha, é um bom homem, mas só pode contar com a lealdade daqueles que outrora foram seguidores de Roma; o Pai usou a púrpura e Ambrosius também tinha ambição de ser imperador. Mas precisamos de um chefe que atraia todos os povos da Bretanha.

— Mas... Roma ainda existe — protestou Igraine. — Gorlois disse-me que, quando Roma tivesse vencido os seus problemas na Grande Cidade, as legiões voltariam! Não podemos pedir a ajuda de Roma contra os povos selvagens do Norte? Os romanos eram os melhores guerreiros do mundo, construíram a grande muralha no Norte para conter os invasores selvagens...

A voz de Merlim adquiriu o som cavo que parecia o tanger de um grande sino.

— Vi isto no Poço Sagrado — disse ele. — A Águia voou e não voltará mais à Bretanha.

— Roma não pode fazer nada — disse Viviane. — Temos de ter o nosso próprio chefe, alguém que possa comandar toda a Bretanha. De outra forma, quando se juntarem contra nós, toda a Bretanha cairá, e ficaremos em ruínas durante séculos e séculos, sob o jugo dos bárbaros Saxões. Os mundos separar-se-ão irrevogavelmente e a memória de Avalon não restará, nem mesmo nas lendas, para dar esperança à Humanidade. Não, temos de ter um chefe que consiga a lealdade de todos os povos das duas Bretanhas: a Bretanha dos padres e o mundo das brumas, governado a partir de Avalon. Restaurados por esse Rei Supremo — a voz dela adquiriu o tom claro e místico da profecia —, os mundos juntar-se-ão de novo, transformando-se num mundo com espaço para a Deusa e para o Cristo, para o caldeirão e para a cruz. E esse chefe unificar-nos-á.

— Mas onde é que vamos encontrar um rei assim? — perguntou Igraine. — Quem nos dará um tal chefe?

E de repente sentiu-se assustada, sentiu um frio gelado a escorrer-lhe pelas costas quando Merlim e a sacerdotisa se voltaram para olhar para ela, com olhos que pareciam mantê-la tão imóvel como um passarinho sob a sombra de um grande falcão, e compreendeu porque é que o profeta-mensageiro dos Druidas tinha o nome de Merlim.

Mas quando Viviane falou, a sua voz era muito suave.

Disse:

— Tu, Igraine, tu darás à luz esse Rei Supremo.